

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

**A IDEIA DO PROTAGONISMO INFANTOJUVENIL EM PROCESSOS
PEDAGÓGICOS: ORIGENS HISTÓRICAS E LIMITES¹**
**THE IDEA OF CHILDHOOD PROTAGONISM IN PEDAGOGICAL
PROCESSES: HISTORICAL ORIGINS AND LIMITS**

Jamile Cabreira², José Pedro Boufleuer³

¹ Projeto Doutorado

² Aluna do Doutorado em Educação nas Ciências

³ Professor e Pesquisador - DHE- Departamento de Humanidades e Educação

Resumo: O presente texto tece algumas reflexões acerca do discurso do protagonismo infantojuvenil em meio a processos pedagógicos desenvolvidos na sala de aula, demarcando sucintamente suas origens históricas dessas ideias no campo da educação. Assume-se aqui que o discurso de protagonismo infantil/juvenil inaugura sérias implicações nas relações pedagógicas, no papel do professor, no significado de ser aluno, na especificidade da instituição escolar, entre outros aspectos.

Palavras Chaves: Educação, Protagonismo infanto-juvenil, processos pedagógicos, escola

Abstract: The present text weaves some reflections about the discourse of the juvenile protagonism in the middle of pedagogical processes developed in the classroom, succinctly demarcating their historical origins of these ideas in the field of education. It is assumed here that the discourse of child / youth protagonism inaugurates serious implications on pedagogical relations, the role of the teacher, the meaning of being a student, the specificity of the school institution, among other aspects.

Keywords: Education, Child protagonism, pedagogical processes, school

Introdução:

A sociedade moderna idealiza um sujeito que tenha autonomia, criatividade, capacidade de reflexão e ação para conviver com os outros e no mundo. A escola, por sua vez, tem a função de educar esse sujeito para que responda às expectativas do grupo social no qual está inserido.

Assim sendo, a instituição escolar tem buscado alternativas para que possa formar esse sujeito "ideal", capaz de responder às exigências do ambiente social no qual está inserido. O fracasso muitas vezes observado em relação à aprendizagem dos sujeitos tem forçado a escola a se

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

reinventar a todo instante. A reformulação de métodos, tempos, espaços, currículos e paradigmas são alguns dos esforços que têm sido feitos por parte dos professores e das políticas públicas para ressignificar o espaço escolar na perspectiva de minimizar os problemas de aprendizagem que vêm se avolumando e que têm posto em cheque o sistema educacional como capaz de ensinar os alunos a contento.

Novas propostas e programas educacionais que têm sido apresentados como estratégias para avançar rumo a uma educação de qualidade que de fato seja significativa para a aprendizagem dos sujeitos e que não apenas cumpra com o direito constitucional conquistado de matricular a todos na escola.

Nesse sentido, uma proposta embasada no protagonismo infantojuvenil tem sido acalentada como via para uma nova educação, mais dinâmica, capaz de possibilitar uma formação que permita ao sujeito construir autonomia para que possa resolver distintas situações que lhe são apresentadas no mundo em que vive e convive. Com base nesta proposta e com vistas a tal objetivo, é necessário reconfigurar a ação pedagógica do professor, fazendo com que este deixe de ser o transmissor de conhecimento e passe, então, a mediar as escolhas e preferências de seus alunos por determinados assuntos com vistas a novas descobertas e possíveis aprendizagens. Isso significa que estes sujeitos deverão ser incentivados a tomarem iniciativas e decisões em meio ao seu processo de ensino aprendizagem, determinando o que e como gostariam de aprender. Esse movimento é visto como importante para a constituição da autonomia dos alunos, pois lhes possibilitaria espaços e ações ativos.

O presente texto pretende refletir sobre os processos e modos de operar dessa proposta de educação, compreendendo a origem histórica da noção de protagonismo do aluno no processo de sua formação. De outra parte, ensaia-se uma crítica a essa proposta com base em perspectivas teóricas que entendem que o protagonismo infantojuvenil, tal como vem sendo proposto, acaba comprometendo aspectos fundamentais da dinâmica constituidora de sujeitos humanos, na medida em que reduz significativamente a dimensão da anterioridade pedagógica, isto é, o papel do educador, no processo de formação das novas gerações.

Metodologia: As reflexões realizadas no presente texto são decorrentes do projeto de pesquisa do Doutorado intitulado “O discurso do protagonismo infantil/juvenil e instituição de uma pedagogia da orfandade” que propõe compreender a partir de uma pesquisa bibliográfica as implicações do discurso do “protagonismo infantil/juvenil” na educação.

Resultados e Discussões:

1. A ideia do protagonismo infantojuvenil

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

A proposta por uma educação que coloque o aluno como centro do processo educativo tem sido difundida e implementada em políticas públicas educacionais (programas e projetos de governo) nas últimas duas décadas. O discurso veiculado, traz o protagonismo infantil-juvenil como base para uma nova proposta pedagógica que considera o interesse do aluno para aprender.

A palavra protagonista é derivada do termo francês *protagoniste* ou, então, do grego, *prōtagōnistēs*, que significa aquele que tem possibilidade de combater na primeira fila; aquele que ocupa o primeiro lugar, o personagem principal. É sob esse entendimento que a escola passa a considerar o aluno como sendo o protagonista de sua aprendizagem, alguém que tenha a posição de destaque em meio a este processo, assumindo o centro do espaço/lugar em que se encontra.

Os alunos enquanto protagonistas, devem ser considerados como o centro da prática pedagógica, isto é, participar de todas as etapas/fases desta prática, desde a elaboração, organização, execução, até a avaliação das ações propostas pelo professor. Esse movimento tem como pretensão contribuir com a constituição da autonomia dos alunos e do “descentralizar” do professor como detentor de saber.

Nesse sentido, trata-se de oferecer oportunidades formativas por meio das quais os alunos consigam participar ativamente, aprendendo a construir e articular conhecimento, elaborando os seus discursos em vez de revozear discursos alheios e sendo considerados como interlocutores importantes nos momentos em que se precisa tomar uma decisão. Por isso, o discurso do protagonismo infantiljuvenil propõe que o próprio aluno tome as rédeas de sua aprendizagem, que proponha atividades, que fale de seus desejos e necessidades, a fim de que a escola e o professor consigam atender e se adequar a tais perspectivas, norteando toda a ação no ambiente escolar.

Com isso é a escola que deve se adequar às necessidades e desejos dos alunos, além do currículo também precisar se integrar à ação dos alunos protagonistas. Portanto, não são os alunos que se adaptam à escola e ao currículo, mas o contrário. É uma escola feita e pensada pelos alunos.

A proposta do aluno como centro do processo pedagógico tem suas origens nas ideias de Rousseau, Dewey e na corrente filosófica do Existencialismo. Estas ideias pensam a educação como forma de modificar uma sociedade já corrompida e que por isso necessitava de um projeto inovador que pudesse tornar esta emancipada. Desta forma, Rousseau compreende o aluno como agente do seu processo de educação, em que este, embora com mediação de um adulto, tem a possibilidade de conduzir suas aprendizagens e assim se desviar das influências de uma cultura já corrupta. Dewey por sua vez, aposta em uma educação embasada na experiência, no aprender fazendo, em que o aluno participa ativamente das ações pedagógicas construindo assim seu conhecimento de modo autônomo.

Já na corrente filosófica do Existencialismo, o ponto de partida é a condição de cada homem como responsável pela sua vida, pelos seus atos e por seu destino, ou seja, considera as relações do homem com o mundo colocando a subjetividade e sua liberdade como centrais nas relações que estabelecem com os outros e em sociedade. No que se refere à prática escolar, o aluno é colocado

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

no centro das preocupações docentes, considerando os ritmos, os interesses individuais de cada um para o desenvolvimento de suas potencialidades.

Na contemporaneidade, Antônio Carlos Gomes da Costa é um dos autores que contribuiu para que o discurso do protagonismo infantil/juvenil adentrasse no campo da educação. Suas obras e projetos educacionais têm por objetivo enfatizar uma cidadania ativa na participação de crianças, adolescentes e jovens na educação. É exatamente isso que se verifica nos escritos deste autor:

O termo Protagonismo Juvenil, enquanto modalidade de ação educativa, é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso. [...] O cerne do protagonismo, portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla (COSTA, 2001, p.179).

Assim, o discurso do protagonismo parte do princípio de colocar o aluno no centro do processo ensino aprendizagem. Diz respeito a abrir espaços de escuta real do estudante e de sua participação efetiva no desenvolvimento dos mais variados processos de construção de conhecimento na escola. Dessa forma, o jovem tem a possibilidade de, a partir do seu perfil, interesses, referências culturais, relacionais etc., personalizar a sua trajetória escolar.

Os professores, por sua vez, passam a mediar os conteúdos de outra forma. Ao abrir espaço para a participação dialogada na sala de aula, permitem que a aprendizagem colaborativa ocorra, investindo também em outra concepção de avaliação. O protagonismo juvenil, assim, se constitui num poderoso elemento norteador para a atuação de toda a escola.

Assim, para Costa (2000), o protagonismo juvenil como uma proposta pedagógica de atuação de adolescentes como personagens principais de uma iniciativa de ação voltada para a solução de problemas reais de sua comunidade, numa fase da vida em que este tipo de participação autêntica e não manipulada se traduz num ganho de autonomia, autoconfiança e autodeterminação, constitui uma perspectiva importante para que o aluno construa sua identidade pessoal, social e o seu projeto de vida.

É isso que também reforça a BNCC, ao considerar que se deve superar a “fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida” (BNCC, 2017, p. 15). Portanto, trata-se de um protagonismo que poderíamos denominar de pedagógico, desenvolvendo-se na e para a escola, com perspectivas metodológicas para o professor além de orientações que devem nortear as práticas com alunos.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Para Costa (2001), o protagonismo infantil/juvenil permite ao aluno participar de situações reais na escola, na comunidade e na vida social, atuando como parte da solução e não do problema. Assim, entendemos que o autor busca desenvolver métodos direcionados em vivências e práticas a partir da realidade dos jovens e das suas necessidades, com o objetivo de proporcionar espaços destinados aos alunos para tornarem-se empreendedores subjetivos e sociais, de algo que eles desejam modificar e construir.

Esta é também a perspectiva adotada pela BNCC (2017), quando reitera que a escola deve estimular “o protagonismo dos estudantes em sua aprendizagem e na construção de seus projetos de vida” (p. 465), e assim, propõe “valorizar o protagonismo juvenil, uma vez que prevê a oferta de variados itinerários formativos^[1] para atender à multiplicidade de interesses e desejos dos estudantes” (p. 467). Além destas passagens, o documento apresenta inúmeras vezes a expressão “protagonismo”, referindo-se à necessidade de as atividades pedagógicas atenderem os desejos dos alunos, sendo que este “atendimento” das necessidades e desejos seria um meio de desenvolver a autonomia dos alunos.

Com o propósito de criar as bases para o protagonismo juvenil, é preciso que toda a escola assuma, consciente e intencionalmente, que as ações cotidianas de pensar e construir a escola devem incluir o estudante como sujeito ativo. No Caderno 2^[2] da proposta do Novo Ensino Médio, consta que é preciso criar espaços e tempos no currículo para que os jovens personalizem sua trajetória escolar, descobrindo seus interesses; incluindo seus pontos de vista; assumindo para si a responsabilidade por aprender; desenvolvendo projetos de vida, de pesquisa e de intervenção na realidade; concretizando propostas para melhorar questões que impactam em suas aprendizagens e em suas vidas.

Assim sendo, podemos considerar que a Reforma do “novo” Ensino Médio e outros documentos que passam a orientar a educação brasileira, enfatizam o protagonismo infantil/juvenil nas etapas da educação básica, além de considerarem a necessidade de modificações nas relações pedagógicas.

2. Esboço de uma crítica ao protagonismo infantojuvenil

As modificações a que acima se referiu, na visão de Hannah Arendt (2013), apenas reforçam a ideia de que “em nenhum outro lugar as teorias mais modernas no campo da Pedagogia foram aceitas tão servil e indiscriminadamente”. (p. 227-228). Embora a crítica seja endereçada aos Estados Unidos, ela pode valer também para o Brasil. Para a autora, as instituições educacionais parecem sempre estar predispostas a aderir “servil e indiscriminadamente” às teorias mais modernas, às metodologias que se dizem salvadoras da educação, entre outras “simpatias” que prometem revolucionar o ensino a partir de pedagogismos. Em síntese, trata-se de uma ilusão emergente pelo “*pathos do novo*” (ARENDRT, 2013, p. 226).

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Este *pathos do novo* refere-se ao afã das sociedades modernas pelo novo e o consequente rechaço ao que seria considerado como velho (tradicional). Nessa direção, o novo e sua novidade são revestidos de positividade e entendidos como avanço, enquanto os saberes da tradição são considerados como ultrapassados e sem utilidade.

Um dos exemplos claros que poderíamos destacar do *pathos do novo*, é o discurso do protagonismo, uma vez que se passa a considerar a necessidade de modificar os “velhos modelos” centrados no professor, nos conteúdos, no conhecimento, na disciplina, na autoridade ^[3] do professor.

Além disso, assume-se o slogan de que o aluno deve construir o seu próprio conhecimento, construir o seu projeto de vida, como nos lembra a proposta do Novo Ensino Médio, entendendo que é ele quem deve fazer as escolhas e arcar com as consequências. Faz-se o uso do termo *autonomia* para representar esta necessidade de as escolhas e necessidades partirem dos alunos, e não daqueles que são responsáveis por estes (adultos, professores, pais etc). Porém, trata-se de um uso distorcido e vazio, uma vez que os alunos “ainda” não possuem as condições intelectuais e emocionais necessárias para arcar com o peso das escolhas.

Para Savater (2012), todas as crianças, de fato, podem ser consideradas como criativas, mas quanto a suas possibilidades, e não quanto à capacidade efetiva de realizá-las. De certo modo, podemos afirmar que não é isto que a criança quer, até porque se trata de uma imposição e não de uma deliberação mais ampla (debate democrático), pois, segundo Savater (2012, p. 92):

O que o neófito quer em primeiro lugar é que lhe entreguemos o universo com todas as suas tarefas e aventuras, que lhe ofereçamos os mínimos detalhes do que já existe sem lhe pedir permissão nem obedecer à sua vontade, que o *enriqueçamos* dando-lhe a chave do que o cerca e não que mergulhemos nele para pescar pérolas que, de todo modo, virão à luz no devido tempo.

Cabe aos adultos guiar as crianças nesse mundo combinando dois movimentos que à primeira vista parecem inconciliáveis: conservação e renovação. Conservar um diálogo com o passado, com a tradição é fundamental para a renovação do mundo, a criação do novo. Para isso, é preciso, uma relação dialógica entre educadores e educandos as relações (não de dominação) para produzir o novo, aproveitando a chance que nos é conferida a cada nascimento.

Portanto, compreendemos que a educação é o traço que conduz a criança de um ponto a outro, isto é, os novos na direção do mundo e o mundo na direção dos novos. O ato de educar deve permitir sempre essa aproximação, no sentido da responsabilidade que as pessoas passam a assumir pelo mundo e conquistando a sua condição mundana. Não basta estar no mundo. É necessário, também, que se receba uma herança dos mais velhos.

É preciso considerar que as crianças são seres em formação/desenvolvimento. Isso exige serem

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

cuidados, guiados, apresentados ao mundo pelas mãos e vozes dos adultos. Isso significa não as abandonar à própria sorte e/ou aos seus próprios recursos, contrariamente ao que propõe o discurso do protagonismo infantiljuvenil.

Sendo assim, as implicações e consequências do discurso protagonista e da pedagogia da orfandade referem-se à renúncia do papel do professor, ao declínio da especificidade da escola, à compreensão do que significa ser aluno, à compreensão do que constitui o mundo comum, à necessidade de se educar as novas gerações etc. Por isso, se faz necessário compreender a constituição do humano e, a partir dele, a necessidade de se educar as gerações que chegam ao mundo, assumindo a responsabilidade por elas e pelo mundo em que serão inseridas e familiarizadas, não as abandonando à própria sorte, como se propõe no discurso do protagonismo infantojuvenil.

Considerações finais:

À luz das acusações endereçadas à escola contemporânea, muitos são os desejos de se transformar radicalmente a instituição escolar. A lista das transformações é longa: a escola deve se centrar mais no aluno, o aluno deve ser o protagonista de sua aprendizagem, a escola deve se esforçar para desenvolver aptidões e talentos, desenvolver competências cognitivas e socioemocionais, ser mais sensível ao mercado de trabalho, ser mais flexível, repensar sua estrutura arquitetônica, enfatizar competências e habilidades, ensinar a arte de viver, etc.

Sendo assim, torna-se imprescindível refletir sobre os aspectos e as motivações que conduzem e reforçam tais acusações à ação pedagógica desenvolvida na escola e que se fazem cada vez mais presentes nos debates contemporâneos da educação. Acusações essas que, por sua vez, indicam para sentidos e práticas que se entendem como necessários para que a escola seja reformulada e consiga o sucesso desejado. Compreender esse processo e o seu alcance para o debate sobre a educação hoje, em tempos que o discurso protagonista se apresenta como solução para resolver os supostos problemas da e na educação se torna urgente e imprescindível para que possamos assegurar uma educação que conduza as novas gerações ao conhecimento do mundo em que estão inseridas.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BRASIL. *Base Nacional Curricular Comum - Ensino Médio*. Documento homologado pela Portaria nº 1.570, publicada no D.O.U. de 21/12/2017, Seção 1, Pág. 146. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_s

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

[ite.pdf](#)>. Acesso em: 20/08/2018.

COSTA, Antônio C. G. da. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

_____. *Presença da Pedagogia: teoria e prática da ação socioeducativa*. 2. ed. São Paulo: Global: Instituto Ayrton Sena, 2001.

SAVATER, Fernando. *O Valor de educar*. 2.ed. São Paulo: Planeta, 2012.

[1] No Brasil, a expressão “itinerário formativo” tem sido tradicionalmente utilizada no âmbito da educação profissional, em referência à maneira como se organizam os sistemas de formação profissional ou, ainda, às formas de acesso às profissões. No entanto, na Lei nº 13.415/17, a expressão foi utilizada em referência a itinerários formativos acadêmicos, o que supõe o aprofundamento em uma ou mais áreas curriculares, e também, a itinerários da formação técnica profissional.

[2] O Caderno 2, desenvolvido pelo Instituto Ayrton Senna e destinado à Proposta do Novo Ensino Médio brasileiro, é intitulado de: **Princípios de Educação Integral (2017)**, todos os 12 cadernos estão disponíveis no link: <https://drive.google.com/drive/folders/0Bwf0CaczNj7Uy1GLUh4bGxqX2M>. Lembramos que os termos de “protagonismo” e “autonomia” são os termos orientadores da proposta. Optamos em analisar estes cadernos pelo fato de já estarem sendo utilizados no Estado de Santa Catarina e no Rio de Janeiro, contudo, serão utilizados em todos os estados que aderirem ao Ensino Médio Integral. Além disso, vale destacar que este programa é organizado pelo Instituto Ayrton Senna, Instituto Natura e Banco Itaú.

[3] Para Mario Osorio Marques (2006, p. 116), “é condição para a autoridade do professor a inserção dele no coletivo da profissão através de formação adequada em que se articulem a dimensão ética de serviço a homens com vez e voz ativa”. Nessa mesma perspectiva, utilizando do referencial de Hannah Arendt, Birulés (2017) afirma que: “à medida que se compreenda que as relações de autoridade oferecem ‘um passado para o futuro’, pode-se considerar que elas ocupam um destacado lugar no âmbito da educação” (p. 127).

Bioeconomia:
DIVERSIDADE E RIQUEZA PARA O
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

SALÃO DO UNIJUI 2019
CONHECIMENTO



21 a 24 de outubro de 2019

XXVII Seminário de Iniciação Científica
XXIV Jornada de Pesquisa
XX Jornada de Extensão
IX Seminário de Inovação e Tecnologia

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa